MENINAS ATREVIDAS: O QUE É QUE NÃO VÃO DIZER?

TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

A interrogação colocada na fala de Angelina Gattai, ou o recurso retórico da narradora Zélia, em *Anarquistas, graças a Deus*, permitiram-me que pluralizasse o vocativo nesta reflexão sobre histórias lembradas e escritas por mulheres e sobre o silêncio feminino na memorialística brasileira.

E quando eu digo silêncio, ele se desdobra: o silêncio nas coisas contadas, o silêncio das coisas contidas e o silêncio, mais significativo, o da ausência, do vazio... Há ausência do texto de mulheres no mais feminino dos gêneros: as memórias. A imagem de Walter Benjamin sobre Proust: "o trabalho de Penélope da reminiscência", ou o texto enquanto "aquilo que se tece", sintetiza a leitura que venho fazendo de livros de memórias. Como a minha proposta não é refletir teoricamente, faço a afirmação em cima de um critério quantitativo: há um predomínio representativo de livros de memórias, escritos por homens, na história literária e cultural brasileira. Continuo afirmando que o gênero é, por natureza, feminino, mas o ponto de vista, desdobrado em autor-escritor-personagem, dilui o trabalho de Penélope, na preocupação de afivelar, ao rosto conhecido, uma máscara de herói, de rei, de Pai maiúsculo, de Narciso, de "eu sou mais eu"... O gênero feminino é sufocado por uma escrita, marcada ideologicamente pela História, maiúscula, e pelo lugar social reservado à credibilidade dos depoimentos masculinos.

Embora certa disparidade numérica, selecionei alguns livros de memórias. Como precisava de um denominador comum, escolhi lembranças de infância e adolescência porque, pela própria natureza do material contado e lembrado, são "memórias sentimentais".

Os meninos selecionados foram: o menino Graciliano, o menino Oswald, o menino Zé Lins, o menino Pedro Nava e o guri Érico Veríssimo. Não propriamente uma seleção, mais uma opção. Entram na roda as meninas Zélia Gattai, filha de um anarquista; Maria Helena Cardoso, irmã de Lúcio, o escritor; Maria Julieta, filha de Drummond; e Helena Morley, uma menina do século passado, filha de um imigrante inglês.

Nove infâncias diluídas nas individualidades de um tempo e de um modo particular e histórico. Mas o masculino e o feminino aqui já se definem. As infâncias dos meninos, quando contadas, têm um objetivo muito claro: denunciar as marcas do poder na hierarquia familiar, registrar ou historicizar a grande e tradicional família patriarcal, explicar a sua formação, justificar o adulto que é, ou exibir precocidades sexuais e intelectuais... São nestas memórias de infância que se evidenciam que, quando um adulto fala de seu

Tânia Regina Oliveira Ramos é professora na Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho publicado em *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 101:29-50, abr.-jun., 1990.

passado, o que expõe é uma realidade elaborada pela sua linguagem, em um tempo e uma lógica particular. Aquilo que Freud estudou como “impressão original superelaborada”, pois grande parte das lembranças de infância nos foram contadas.

O que dizer, agora, das infâncias das meninas? Dois diários e duas narrativas romanceadas. Dois registros de época e duas narrativas de lembranças. Nenhum atrevimento: saudosas lembranças de pessoas e espaços inesquecíveis, muitos espaços inesquecíveis... Quatro meninas discretas, educadas, contidas, ingênuas, num elaborado diário “de uma menina provinciana nos fins do século XIX”; numa narrativa “diária” de uma garota em férias; numa nostálgica justificativa romanceada de uma solidão adulta; e nas memórias de uma mulher, que conta, sob o ponto de vista dela, menina, o oficioso, “anarquismo graça a Deus” de seu pai e de sua família.

Estas infâncias das meninas entram no espaço nostálgico das “infâncias queridas” que se transformam em saudade; a saudade cantada por Caymmi: “se ter saudade é ter algum defeito, eu pelo menos, mereço o direito de ter alguém com quem eu possa me confessar”. Ainda que na publicação de seu caderno de férias; ainda que pelo desejo de mostrar às netas “como a vida era boa naquele tempo”; ainda que “intimada” a ocupar-se, nas horas vagas, pelo “marido famoso”; ou para dar uma explicação romanceada de como e porque fiquei solteirona...

Pareço leitora cruel ou leitora preconceituosa. Mas me detenho constantemente nestas “confissões sentimentais”. Por que chamo “confissões sentimentais”? Pelo ato de purificação que perpassa os textos, onde vence o nostálgico e a tradição. Não quero me deter em citações, mas há duas passagens nas memórias de Maria Helena Cardoso, no livro, poeticamente chamado *Por onde andou meu coração*, que ilustram este ato doloroso da purgação, no diálogo entre a vida vivida e a vida lembrada, entre narradora adulta e a lembrança-adolescente:

Aos quinze anos, era uma adolescente magrinha, alta, sem nenhum atrativo físico (...). Estava resignada a ser solteirona (p.48).

E, já como solteirona resignada, conta que na “idade madura” teve um “grande amor”. Só que a mulher madura reduz “o grande amor” à insignificância de uma inicial: “C”. O nome é interdito: nem signo, nem símbolo. O monograma, não bordado em fronthas e lençóis, tornou-se uma marca textual indecifrável:

Era tão bom, naquela idade, ter ainda alguém que se interessasse por mim. Era velha para ele, mas que importava? Não queria nada, a não ser a sua admiração, que me lisonjeava. C. nunca quebrou o silêncio. Partiu, mudou-se, esqueceu-me (p.536 grifo meu).

Entro no contado para entender o contido: “C”. Uma letra maiúscula e um ponto: um nome proibido. Se há uma fórmula básica no texto de memórias, que é o proverbial “contar o conto, aumentando o ponto”, há aqui a subversão: “quem conta o ponto, *ausenta* o conto”. Para não contar o contido, ela optou pela manutenção do enigma e porque, madura, “velha para ele”, preferiu ser a esfinge devoradora de um texto-mulher.

Esta leitura mais detida sobre “o não contado” é para ilustrar a problemática das memórias sentimentais femininas, onde se lê através da escrita homófona que “lembrar do eu” equivale a “lembrar doeu”...

Procuro explicações para este contar contido ou para o silêncio feminino nesta prática, onde, leitora de si mesma, a mulher pode se dar a ler e se pensar enquanto linguagem. Há várias razões, mas vou me deter em uma porque simples e relevante, e porque ainda atual. Uma razão cultural e um dado de mercado: o diário com chave.

Nenhum menino ganha diário com uma chave pendurada, pronta para ser escondida a sete-chaves... Nenhum menino ganha caderno de capa dura e colorida de seus pais, acompanhado do conselho: “Escreva o que se passar com você, sem precisar contar a seus amigos, e guarde este caderno para o futuro”. Ora, na exemplaridade só cabe o padrão, o correto, o bonito, o perfeito, de um moralista *Diário de Dani*, de um ficcional *Diário de Marcos Vinicius*.

Nos textos de infância que selecionei, apenas um pai, porque *gauche* na vida, e que além de eterno, foi moderno, deu à filha de 12 anos um velho caderno, para que ela registrasse suas férias na casa de parentes, em Minas. A menina se propôs a escrever “a verdade nua e crua”, “para mostrar a todo mundo”. O despretenso diário é mostrado, publicamente, dois anos antes de morrer Maria Julieta Drummond de Andrade. Aos 58 anos, em 1986, 45 anos depois, os registros, ainda “nus e crus”, na ótica da adolescente, são publicados. Um “caderno-documento” que merece ser lido, não pelo sobre-nome, nem pelo nome, porque em 1941, o diário não traz estas marcas, mas pela originalidade da edição, ilustrada com registros de fatos, filmes, fotos e recortes, na tentativa de reconstituição do caderno-original, e da época em que o texto foi escrito. Uma exceção nas publicações de diários de adolescentes que não vencem e pouco convencem.

O “diário”, ensaísticamente já definido como “espaço feminino de uma escrita delirante”, é para mim a semente ou a origem da interdição da palavra feminina.

Por que continuamos dando às meninas de/da família diários com chave? Por que não incentivar o hábito da correspondência, ao invés de se investir financeiramente nas coleções de papéis de carta guardados em pastas plastificadas?

E o mais peculiar é que hoje, dez entre dez “meninas atrevidas” são levadas pelo desejo da agenda com as *griffes* da moda... Além do *status* da marca, na capa, a possibilidade do “ir-e-vir” dos registros, dos recados, datas especiais, adesivos colados. . . Finalmente, então, a possibilidade da vida como um livro aberto? Não. Mais do que nunca, a palavra é interdita. Porque público, o critério de seleção é fundamental. Nem o contado, nem o contido.

Daí, eu ir buscar o diário de Fernanda. Aos 12 anos, ela me deu o testemunho de que um certo silêncio pode ser o instrumento ainda eficaz da construção do feminino. Deu-me um diário seu, para copiar uma receita, acompanhado do comentário. “Odeio ganhar diário. Já me deram uns cinco. Nem sei onde estão os outros”. Perguntei se não importava se eu o lesse. Respondeu-me:

— “Eu nem sei se escrevi nele. Mas, se eu escrevi, pode ler, *se quiser*”. Constatei que estava realmente em branco. Transformei-o numa espécie do que Foucault estudou como *hypomnemata*: um misto de agenda, lembretes, citações, frases, nomes. . . No dia 11 de dezembro, encontro uma página escrita por Fernanda: um texto a lápis, o único do seu diário (que pela estrutura deveria ser um anuário), a letra firme, num jogo de maiúsculas e minúsculas:

Querido Diário:

Aqui termina meu ANTIGO TESTAMENTO e começa meu MEU NOVO TESTAMENTO.
Fernanda.

Todo o resto, silêncio. . . Nada perguntei. Mas é nele, e não nas “memórias literárias”, que leio a metáfora do silêncio feminino. Fernanda recusou o diário como o lugar de sua palavra e escreveu uma bíblia, sem texto. Interdição por interdição, de seus desejos e anseios de menina de 12 anos, escolheu uma página quase final, datou-se e teceu a bíblia em branco, com apenas uma inscrição: aqui termina o “antigo”, aqui começa o “novo”. Nem mesmo a primeira pessoa foi sujeito, mas o texto, em terceira pessoa. Leio neste silêncio a possibilidade da narradora adulta se dar a ler. Optou por não escrever no “querido diário” coisas que ela prefere contar às suas amigas. Um ato político: o da recusa de escrever um livro proibido porque, sem ainda saber o nome da rosa, tem consciência do infinito poder das palavras.

Transformo o diário de Fernanda no texto possível: o que ainda vai ser escrito. Nem memórias de Mariinha Portocarrero, “o monstro de olhos azuis”, nem as andanças “da dama da noite”, nem os “fantasmas” de Eliane Maciel, nem “Maria Rute”, expondo-se para impor-se, nem a escrita de 8 horas de gravação da “vida de vôlei” da controvertida Jacqueline. . . O texto feminino, na cultura brasileira, parece precisar de uma epopéia masculina anterior a ele para se tornar viável. É preferível o silêncio e a consciência de que se a vida em si pode dar livro, só a vida refletida merece ser lida. Trabalho de tessitura poética do cotidiano, vivido e revivido pela linguagem.

Enquanto há este vazio cultural, eu vou lendo as vozes femininas nos textos dos meninos. Elas estão lá, vivas, escritas e inscritas, vigilantes, ainda que em um retrato na parede... Porque o mais feminino dos gêneros, aquele que tece o universo privado e onde Proust buscou a alegria nas coisas que permanecem (no sabor, no perfume, na música. . .), é construído e constituído por mulheres. Daí esta minha certeza, de que o silêncio das páginas em branco é um texto significativo, porque escreve-se, diariamente, com o próprio corpo. Foi no silêncio simbólico do filme *Paris, Texas*, quando Travis diz ao irmão: “O meu corpo ainda se lembra”, que encontro a explicação das coisas inesquecíveis. E se o corpo lembra, há sempre o texto possível: o das histórias de “meninas atrevidas”. Não apenas de “monstros” e “damas”, ou porta-vozes do “léxico familiar”, mas de leitoras de si mesmas, que, mesmo sem desengavetar “queridos diários”, são capazes do contar prosaico, de um lembrar poético, escrito no “novo testamento”:

Vovó dizia
(entre laçadas de crochê

e o Direito de Nascer)
— Mil vezes homem
mesmo com uma perna só...
Mamãe suspirava
(entre pontos de bordados
e solidão descasada)
— Triste sina, a da mulher. . .
Todo dia me refaço
(entre o que sou
e o que era)
lambo feridas da luta
passo a mão nas cicatrizes
escancaro portas
encaro o mundo sorrindo (. . .)

Do silêncio à palavra, Regina auto-observou-se com seus olhos femininos, e se deu a ler, “como se fosse brincadeira/de roda (memória)”, na construção do feminino, tantas vezes escamoteado ou escondido em um ponto depois da letra, expressão do medo do que é que não vão dizer... Ou, o que é que, em vão, nos vão, nos vão dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- As referências, alusões e citações bibliográficas estão na ordem em que são mencionadas no texto.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. 8. ed. Rio de Janeiro, Record, 1984.
- BENJAMIN, Walter. A Imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.36.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. 20. ed. Rio de Janeiro, Record, 1984.
- ANDRADE, Oswald. de. *Um homem sem profissão (sob as ordens da mamãe). Memórias e confissões*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- NAVA, Pedro. *Balão cativo: memórias*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
- . *Chão de ferro: memórias*. 3. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- VERÍSSIMO, Érico. *Solo de clarineta*. 8. ed. Porto Alegre, Globo, 1976, v.1.
- CARDOSO, Maria Helena. *Por onde andou meu coração*. 4. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/INL, 1984.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 15. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.
- ANDRADE, Maria Julieta Drummond. *Diário de uma garota*. Rio de Janeiro, Record, 1986.
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1962.
- QUOIST, Michel. *Diário de Dani*. São Paulo, Agir, 1966.
- LEUZZINGER, Maria Alice. *Diário de Marcos Vinicius*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
- BRANCO, Lúcia Castello. O feminino ofício de uma escrita delirante. *Com Textos*. Revista do Departamento de Letras. ICHS/UFOP. Mariana, 1(1):12, nov. 1987.
- CARRERO, Tônia. *O monstro de olhos azuis*. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- SA-REGO, Alita. *Dama da noite*. (Série Cantadas literárias.) São Paulo, Brasiliense, 1985.
- MACIEL, Eliane. *Com licença vou à luta*. 4. ed. Rio de Janeiro, Codecri, 1984.
- LOUISE, Jacqueline. *Vida de vôlei*. Rio de Janeiro, Casa do Escritor, 1985.
- ESCOBAR, Rute. *Maria Rute*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

- PROUST, Michel. *Em busca do tempo perdido*. Porto Alegre, Globo, 1980.
- Filme: *Paris, Texas* do diretor Wim Wenders. Diálogo do personagem Travis no reencontro com seu irmão, diante da pergunta: "Você ainda sabe dirigir?"
- GINZBURG, Natália. *Léxico familiar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- FORTUNA, Felipe. É preciso saber o que elas dizem. *Jornal do Brasil*, 9 nov. 1985. Especial p.5.
- JONG, Erica. A vida que se leva e a vida que se escreve. *Jornal do Brasil*, 26 maio 1985. B. especial. p.2.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Leituras, fichamentos e bibliografia estudada para sua tese de doutoramento, em fase de redação, sobre a prosa memorialística brasileira, sob orientação do Prof. Dr. Affonso Romano de Sant'Anna.